



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

[Recensão crítica a 'Pessoa, Portugal e o Futuro', de Onésimo Teotónio Almeida]

Ana Maria Freitas

Para citar este documento / To cite this document:

Ana Maria Freitas, "[Recensão crítica a 'Pessoa, Portugal e o Futuro', de Onésimo Teotónio Almeida]", *Colóquio/Letras*, n.º 190, Set. 2015, p. 246-249.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

sassossego», que Leyla Perrone-Moisés considera como o perfeito equivalente do neologismo francês *malêtre*. Estas traduções felizes contribuem para dar corpo à negatividade fundadora já evocada, e reforçam o paradoxo do sentir e do pensar pessoanos — o de um sujeito em «conflito» mais do que em «crise» (75).

Paixão e desafio: duas palavras que podem resumir os estudos aqui reunidos por Leyla Perrone-Moisés. Para além de darem sentido à fragmentação de um sujeito que contradiz todos os códigos habituais de leitura e de escrita, estes artigos, multifacetados, refletem a obra que analisam e tornam a autora e o leitor atores dum pensamento em constante renovação e questionamento.

Sandra Teixeira

NOTAS

- ¹ Os anteriores são: Aníbal Frias, *Fernando Pessoa et le Quint-Empire de l'amour. Quête du Désir et alter-sexualité*, 2012; Elisabeth Godfrid, *Pessoa, le passant intégral*, 2012; Robert Bréchon (org.), *Hommage à Fernando Pessoa*, 2014.

Onésimo Teotónio Almeida PESSOA, PORTUGAL E O FUTURO

Pref. George Monteiro
Lisboa, Gradiva / 2014

Mensagem, único livro em português publicado por Fernando Pessoa, tem merecido, desde o seu surgimento, a atenção de um público leitor variado. Por vezes mal amada, a obra sofreu aproveitamentos e rejeições, provocados por fatores distantes da literatura. O facto de ter ganhado, à época, um prémio do Secretariado de Propaganda Nacional (na categoria b, pois não apresentava o número de páginas exigido pelo regulamento), associou-a injustamente, a algumas mentes, ao Estado

Novo e a uma forma de nacionalismo distante do pensamento de Pessoa. Muitos dos especialistas que, ao longo dos anos, se dedicaram ao estudo de *Mensagem* e à sua interpretação têm colocado no devido campo, o literário, a leitura da obra.

Onésimo de Almeida pertence a esta categoria, ao conjunto daqueles que persistentemente procuram aprofundar o conhecimento da obra de Fernando Pessoa que, pelas características muito próprias do espólio do poeta, está em constante evolução com a edição de áreas inéditas. O livro recentemente publicado de Onésimo de Almeida, com o título *Pessoa, Portugal e o Futuro*, apresenta a reflexão do autor sobre o assunto, resultado de uma investigação de décadas. Parte de uma proposta de interpretação de *Mensagem*, já dada a conhecer num ensaio publicado em 1987 e que neste livro é atualizada e alargada com novos elementos. Prefaciada por George Monteiro, a obra é formada pelo conjunto dos ensaios que o autor tem vindo a publicar sobre o assunto, aqui organizados cronologicamente, o que permite acompanhar o desenvolvimento da tese inicial através dos novos dados que a investigação continuada e o conhecimento da vertente inédita da obra foram acrescentando.

A tese desenvolvida centra-se no paradigma ideológico que subjaz à construção mítica de *Mensagem*, num processo de autognose de Portugal e de projeção do seu Futuro, o que implica inserir a leitura do poema no projeto nacional que Pessoa, movido pelo desejo de regenerar uma nação em decadência, desde cedo delineou. O sentido de missão a cumprir esteve na origem de muitas intervenções públicas, sob forma de cartas abertas, de panfletos e de outros textos. É neste contexto que Onésimo de Almeida coloca a criação de *Mensagem*, rejeitando claramente, por esta razão, duas grandes linhas interpretativas: aquela que vê no texto

peessoano a formulação de um quimérico desejo imperial, baseado na nostalgia de um passado glorioso, e a que o decifra enquanto texto de autognose, codificado em linguagem ocultista. Como ponto de partida para a criação de uma outra leitura, o autor propõe-se reconstruir o universo mental de Pessoa, por meio das seguintes questões a desenvolver: identificação do conceito de mito pessoano e do paradigma ideológico que lhe subjaz; identificação das intenções do poeta; integração da escrita da obra no contexto das suas preocupações patrióticas; inserção da obra nos parâmetros da mundividência pessoana.

Onésimo de Almeida retira, das afirmações do próprio Pessoa, alguns conceitos importantes para a compreensão do assunto. O poeta autotransformava-se como «um nacionalista místico, um sebastianista racional» e propunha-se criar um mito nacional, construído a partir de elementos próximos da alma portuguesa. A partir do já existente mito sebastianista, pretende construir um sebastianismo novo.

No livro, o autor estabelece que o conceito criador de *Mensagem* parte da preocupação de Pessoa com a decadência do país, aliada à sua crença numa aristocracia de heróis, em que o poeta fosse o motor de um processo evolutivo do povo, e ainda na influência de Carlyle e de Henri Bergson. Para o autor, no entanto, o principal inspirador de *Mensagem* enquanto mito operacional, isto é, mito propulsor de uma ação coletiva para a transformação de Portugal, seria Georges Sorel e o seu conceito de mito enquanto projeção no futuro. Conforme explica, o mito existiria para ambos, Sorel e Pessoa, como «agente no processo da sua consecução, apontando o caminho para a verdade que vai sendo construída».

Deste modo, em *Mensagem*, o mito seria uma criação racional, com a função

específica de modificar comportamentos futuros. A este conceito fundador, teria o poeta acrescentado os elementos herméticos, que funcionariam como uma espécie de «manto» intensificador do mistério.

Nos restantes capítulos da obra de Onésimo de Almeida esta tese inicial é aprofundada. Num deles seguem-se pistas sobre o possível conhecimento que Pessoa teria das obras de Georges Sorel. Segundo Francisco Peixoto de Bourbon, o elemento mais novo da tertúlia do Café Montanha que Pessoa integrava e cujas memórias recolheu, Pessoa repudiava o positivismo, ironizava sobre o criacionismo de Leonardo Coimbra, apreciava Henri Bergson e conhecia e apreciava a obra de Georges Sorel, embora com reservas.

Se o mito aponta a «verdade» a ser construída, torna-se essencial identificar esse conceito, o que o autor faz noutro capítulo, ao analisar a conceção pragmática de verdade em Pessoa e ao relacioná-la com a interpretação de *Mensagem*. Em Pessoa, segundo afirma, existe um outro conceito de verdade, uma terceira via em relação ao conceito clássico, a teoria da correspondência, definida por Tomás de Aquino, e em relação à teoria da coerência, de origem platónica. Nessa terceira via, aberta por Pascal e com a sua expressão máxima entre os pragmatistas americanos, Pessoa desenvolve o conceito de «verdade pragmática» e de «verdade transitória da acção», em que vontade e crenças desempenham um papel fundamental nos rumos do devir, pois vão condicionar os atos dos agentes ao decidirem. A verdade do que vai acontecer no futuro é, por isso, algo que se escolhe e se constrói, como conclui o autor.

Sendo *Mensagem* uma obra ortónima, Onésimo de Almeida considera essencial analisar o ponto de vista desse Pessoa, o que faz a partir da análise dos conceitos de modernidade, de moderno e de mo-

dernismo, com o objetivo de identificar os elementos de modernidade no poeta. Classifica-o de racionalista-empírico na ação, com uma «imensa faceta cognitiva epistemológica», nível a que é absolutamente moderno, revelando um caráter pós-moderno na crença do devir enquanto construção.

O patriotismo de Pessoa é aprofundado no capítulo «A Pátria da Língua de Pessoa e de cada qual», onde, partindo da frase «Minha pátria é a língua portuguesa», de Bernardo Soares, analisa a relação do poeta com os conceitos de pátria e de patriotismo. O autor baseia-se nos biógrafos pessoais, como H. D. Jennings, Alexandre Severino, João Gaspar Simões e Robert Bréchon, para revisar a relação que Pessoa teria tido com as duas línguas e culturas, a portuguesa e a inglesa. Conclui situando a frase do *Livro do Desassossego* no seu devido contexto, no momento catártico ocorrido após a leitura do Padre António Vieira em que, na pele de Bernardo Soares, Pessoa «foi tocado nas estruturas profundas dos seus registos linguísticos» e se identificou com a língua portuguesa. A análise é alargada noutro capítulo, dedicado aos fenómenos da vivência numa outra cultura que não a materna.

O projeto, inacabado como tantos, em que Pessoa ponderou o futuro da Ibéria e que foi dado a conhecer na recente edição de Jerónimo Pizarro, com colaboração de Pablo Javier Pérez Lopez, intitulada *Ibéria. Introdução a Um Imperialismo Futuro*, apresenta novos dados pela comparação que permite com os conceitos fundadores de *Mensagem*. O autor reconhece nos planos para a «grande Ibéria», as mesmas coordenadas teóricas de *Mensagem*: o mito é futuro, uma criação imaginária assente num fundo cultural destinado a erguer o moral coletivo. Reconhece, no entanto, que não se encontra a coerência

conceptual de *Mensagem* neste projeto incipiente.

Crítico, desde o início, de leituras de cariz esotérico, por as considerar redutoras e por situarem, erradamente na sua opinião, a faceta hermética da obra de Pessoa como foco unificador da sua mundividência, Onésimo de Almeida dedica um capítulo a estas interpretações. Na sua opinião, Pessoa encaminha-se, cada vez mais, para a busca de uma mundividência de cariz ético-estético e menos metafísico, ontológico ou epistemológico.

O último capítulo é dedicado a Thomas Merton, poeta, monge trapista, estudioso do budismo Zen e tradutor de Pessoa, e ao escritor japonês D. T. Suzuki, pela associação que ambos fazem entre a filosofia Zen e Pessoa-Caeiro.

Este livro de Onésimo de Almeida transmite ao leitor o entusiasmo de quem dedicou décadas ao aprofundamento de um objeto de estudo. Hesita-se nalguns pontos: poderá a vertente hermética ser tão racional e secundária como se propõe? Encontramos a presença de elementos desta natureza na obra do poeta, desde os primeiros anos (ver o soneto «Noite», de 1910, por exemplo). Pessoa possuía, no entanto, o distanciamento de quem busca o próprio caminho, como o autor também aponta. Outra hesitação reside na convicção de que Pessoa foi tomado por «uma abulia radical» nos últimos anos de vida e se foi calando e desistindo dos seus projetos grandiosos, «à medida que a depressão foi dele tomando conta». Esta teoria parece ser contrariada pela produção literária dos últimos anos do poeta, marcada pela grandeza, tanto em quantidade como em qualidade. A necessidade de intervenção continua, de igual modo, a possui-lo, como podemos concluir da sua defesa pública das sociedades secretas. A crítica às políticas do Estado Novo e ao «tiranhismo», embora sem a divulgação que os

tempos não permitiam, revela que não era indiferente aos destinos do país. É difícil coadunar estes factos com a teoria de uma abulia radical. Para Fernando Pessoa, o Quinto Império cumprir-se-ia na criação literária, campo essencial da sua ação. Estes aspetos integram, no entanto, o diálogo com o leitor que a obra amplamente documentada e argumentada de Onésimo de Almeida permite.

Ana Maria Freitas

António Cândido Franco
TRINTA ANOS DE DISPERSOS
SOBRE TEIXEIRA DE PASCOAES

Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda / 2014

Como claramente exposto no título, estamos perante um volume que recolhe três décadas de textos críticos de António Cândido Franco sobre Teixeira de Pascoaes. Neste sentido, a obra em questão cumpre um objetivo assumido: o da reunião de textos dispersos cronologicamente e por variadíssimas publicações. Além disso, como realçado expressamente em «Nota» prévia, o volume estava pronto para edição há cerca de uma década, embora só agora se tenha publicado, por circunstâncias que lhe são alheias. Ao mesmo tempo, e como mencionado no referido texto, é oportuno referir, em primeiro lugar, que Pascoaes constitui um autor da especial predileção crítica de Cândido Franco, ao consagrar-lhe uma parte significativa da sua atividade como crítico e investigador, sob forma bem variada: notas, textos de recensão e artigos vários, ensaios mais alongados, trabalhos de edição ou reedição de Pascoaes, e a sua tese de doutoramento (*A Literatura de Teixeira de Pascoaes*, INCM, 2000, defendida em 1997).

Simultaneamente, António Cândido Franco salienta que o seu labor em torno de Pascoaes se mantém até à atualida-

de, não tendo sido interrompido com o último texto incluído neste volume, datado de 2004, prolongando-se com estudos diversos, desde os verbetes para o *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português* (org. de Fernando Cabral Martins, 2008) até aos mais recentes trabalhos: *Teixeira de Pascoaes nas Palavras do Surrealismo Português* (2010) e *Pensamentos e Máximas de Teixeira de Pascoaes* (2010), entre outros estudos. Justificadamente, os diversos textos sobre Pascoaes editados na última década não foram incluídos no presente volume desde logo «por razões de dimensão», podendo proporcionar um segundo volume de dispersos, como assinalado pelo autor.

Torna-se manifesto que, ao recolher textos críticos selecionados e editados entre 1985 e 2004, esta coletânea de António Cândido Franco demonstra, por um lado, uma constante do seu labor crítico, sob a forma de prolongada devoção a Teixeira de Pascoaes, lido pelo crítico desde 1977, como expressamente salientado; e, por outro, a obra em questão patenteia uma compreensível diversidade de textos, quer em termos de dimensão, quer de propósito e de profundidade crítica (incluindo, a terminar, uma alongada carta de Luís Miguel Nava); ao mesmo tempo, a presente recolha não está liberta de inevitáveis repetições, num conjunto de escritos sobre o mesmo autor e, cronologicamente, tão prolongado e em circunstâncias muito variadas.

Mau grado a diversidade assinalada nestes textos críticos — que se debruçam sobre a poesia, a ficção, a prosa didática ou a epistolografia do autor estudado —, há linhas de força que se retomam de modo constante e assertivo na escrita de Cândido Franco e que, obviamente, não são novidade para quem acompanha a sua atividade crítica sobre Pascoaes, sendo essas linhas de força desde logo assinaladas